

Sífilis Congênita: uma análise epidemiológica no estado de Minas Gerais

Luiz Henrique Vargas de Andrade; Elder Dalazoana Filho; Jaqueline Meert Parlow; João Pedro Gambetta Polay; Fabio Vinicius Barth; Ana Cristina Barth de Castro.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
luiz_bss@hotmail.com

RESUMO

Após análise epidemiológica de pacientes pediátricos diagnosticados com sífilis congênita, verificou-se que, em Minas Gerais, essa doença tem aumentado seus índices nos últimos anos, indicando um grande problema de saúde pública.

INTRODUÇÃO

A sífilis congênita é resultado da disseminação hematogênica do *Treponema pallidum*, via transplacentária. Essa doença, é um grande problema de saúde pública do Brasil, pois em relação às doenças transmitidas durante o ciclo grávido-puerperal, a sífilis possui maior taxa de transmissão. Assim, o controle dessa doença se faz essencial na manutenção da qualidade de vida tanto da mãe, quanto da criança.

OBJETIVO

Realizar um levantamento epidemiológico para analisar o nível de incidência de sífilis congênita nos últimos anos no estado de Minas Gerais (MG).

METODOLOGIA

Os dados foram coletados através do Sistema de Informação de Agravos de Notificações (SINAN), disponíveis no DATASUS. Foram analisadas informações sobre a sífilis congênita em MG do ano de 2015 a 2018.

RESULTADOS

Registrou-se, durante o período compreendido, 7228 casos confirmados em crianças de 0 a 12 anos, sendo que os números vêm aumentando ano após ano: em 2015, foram feitos 1459 diagnósticos, em 2016, 1527, em 2017 existiram 1877 novos casos e, em 2018, 2365,

demonstrando um aumento progressivo da incidência da doença. Ademais, outro parâmetro analisado foi a faixa etária do diagnóstico, em que, do total de casos entre o período compreendido, 6945 diagnósticos foram feitos até os 6 dias, 117 diagnósticos entre 7 a 27 dias de vida e 166 diagnósticos foram feitos em crianças com idade de 28 dias a 12 anos. Observou-se também que 1829 mães foram diagnosticadas no momento do parto e 445 foram diagnosticadas após o parto.

CONCLUSÃO

Evidencia-se que o número de casos de sífilis congênita tem aumentado nos últimos anos, o que indica uma redução do uso de preservativos e piora na qualidade de vida de recém nascidos. Outro fator relevante foi o número de diagnósticos feitos a partir do 28º dia, levando a uma instituição tardia do tratamento, implicando maior morbidade e risco de sequelas para a criança. Ademais, o número de mães com diagnóstico após o parto foi relativamente alto, aumentando a morbidade neonatal.

REFERÊNCIAS

Sífilis Congênita - Secretaria da Saúde. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/biblioteca/7648-sifilis-congenita>>. Acesso em: 18 nov. 2020.
DE BOLSO, M. **Diretrizes para o Controle da Sífilis Congênita.** [s.l.: s.n.]. MINISTÉRIO DA SAÚDE. DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SUS - DATASUS. Informações de Saúde, Epidemiológicas e Morbidade: banco de dados. Disponível em: <<https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.